



NO MEIO
DA
MULTIDÃO

COMO ENCONTRAR
SEU POEMA

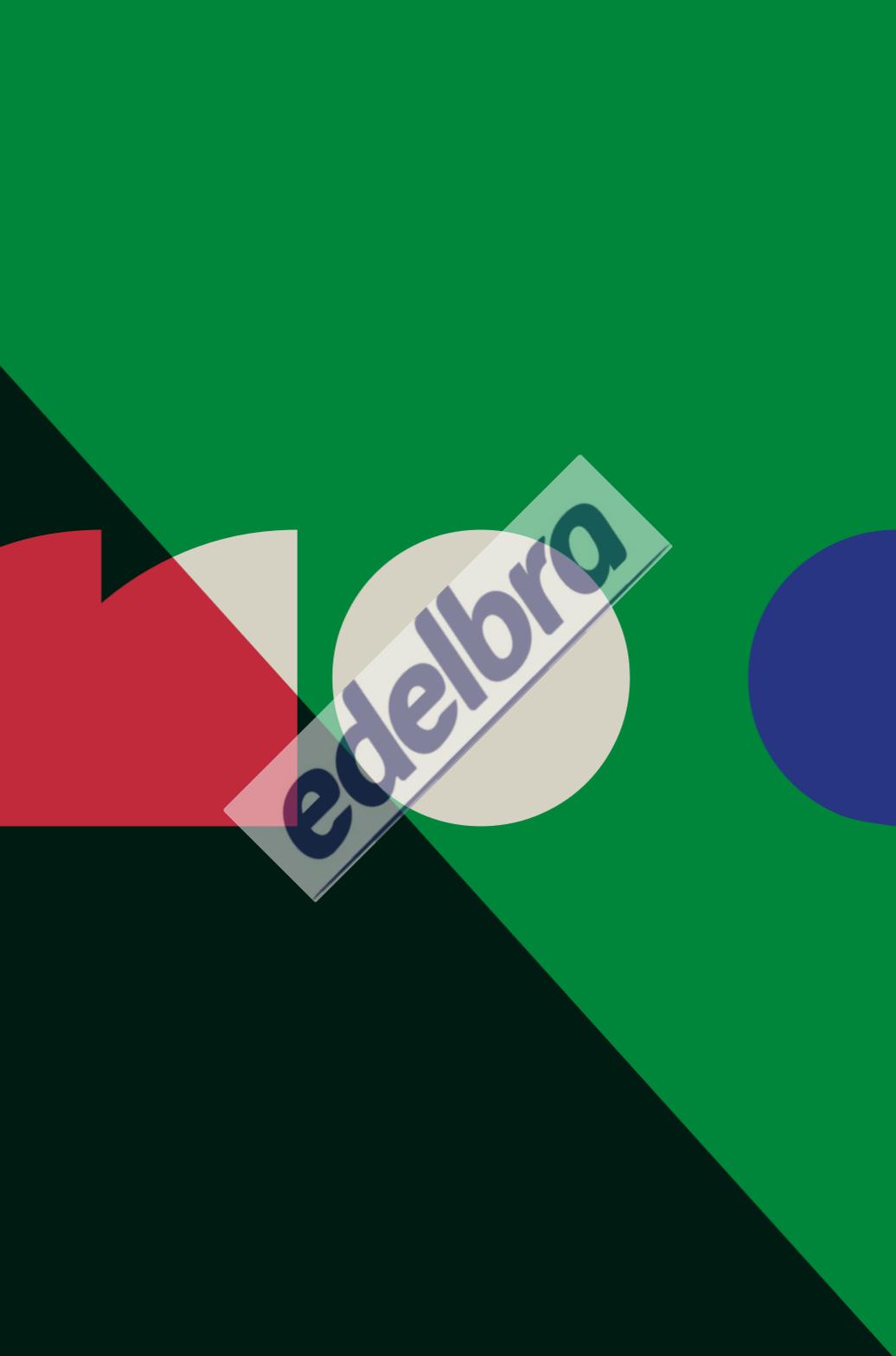
HELOISA PRIETO E VICTOR SCATOLIN

edelbra

NO MEIO DA MULTIDÃO

COMO ENCONTRAR
SEU POEMA

edelebra



edelbra



NO MEIO DA MULTIDÃO COMO ENCONTRAR SEU POEMA

HELOISA PRIETO E VICTOR SCATOLIN

edelbra

3ª edição

Coordenação editorial **ELAINE MARITZA DA SILVEIRA**

Projeto gráfico e editoração **LUCIANA FACCHINI**

Revisão **ROSANA MARON**

P949n Prieto, Heloisa, 1954 -

No meio da multidão: como encontrar seu poema
/ Heloisa Prieto, Victor Scatolin. - 3.ed. - Porto Alegre:
Edelbra, 2021.

104 p. ; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-5730-022-4

1. Literatura infantojuvenil - novela. I. Scatolin,
Victor. II. Título.

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2021

Edelbra

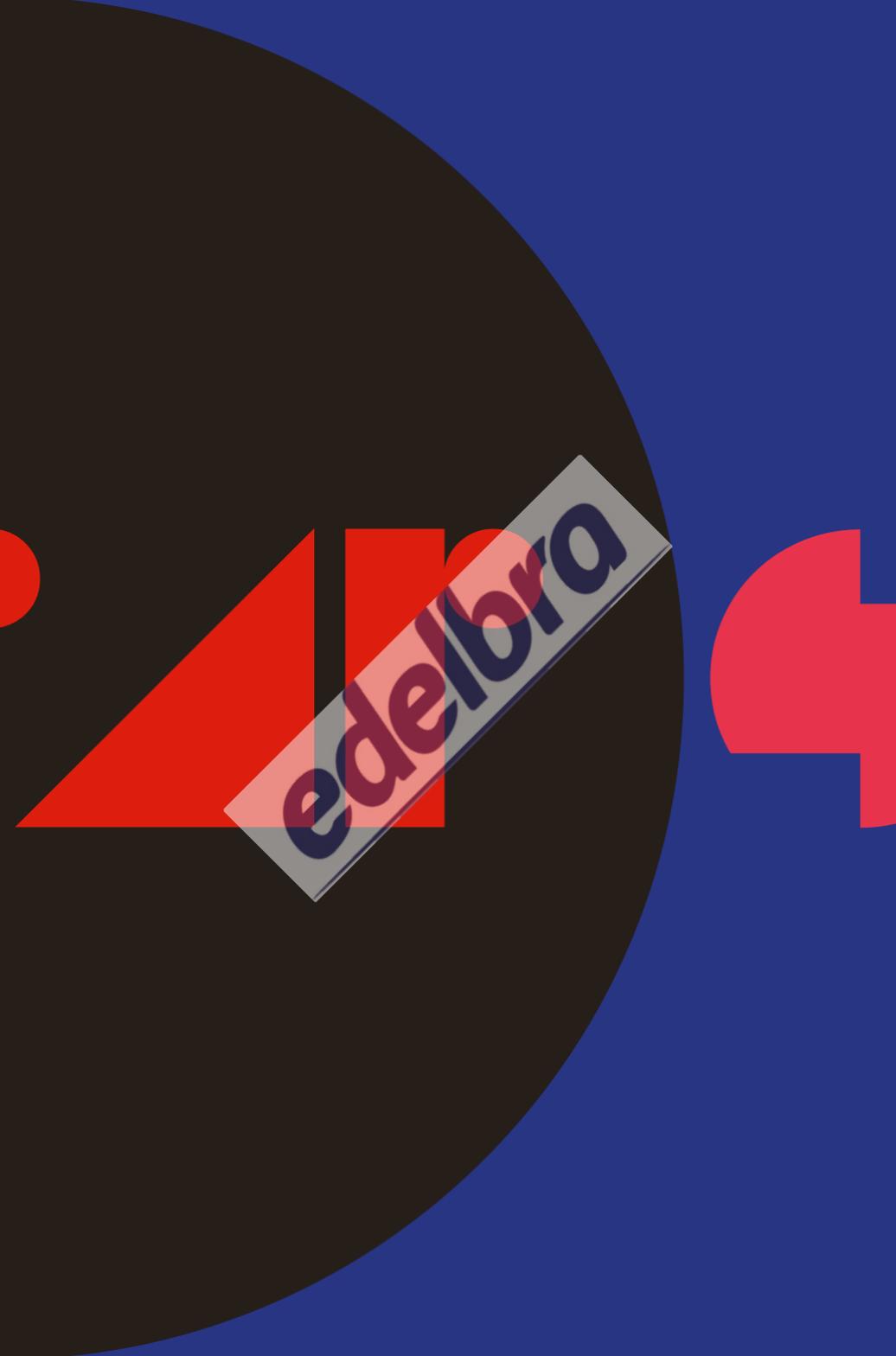
www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.



edelbra





edelbra

À POÉTICA MEMÓRIA DE TATIANA BELINKY.

edelbra

CAÍQUE

edelbra



edelbra

Caíque queria rimar.

Fazer poesia era sua marca, sua mania.

Em casa, ninguém aguentava mais. O menino só falava rimando a toda hora, em qualquer lugar.

No café da manhã, por exemplo, os irmãos reclamavam:

– Caíque, se você pedir o pão na mão, pra não virar anão, eu vou dar uma lição no seu cabeção! – ameaçou Júlio, o irmão mais velho.

– Mãe, o Caíque virou um maluco. Inventou uma língua doida. A gente não consegue mais conversar coisa com coisa... – protestou Larissa, a irmã do meio.

Caíque só queria fazer poemas.

13 anos.

Atacante do time de futebol da escola.

Caçula.

Um metro e meio.

“Mudar de escola nunca é fácil” – repetia a mãe todas as manhãs. Na cidade natal de Caíque, as regras pareciam simples. Estudar e brincar. Ir e voltar caminhando para a escola. Jogar futebol no campinho antes do jantar.

Mas agora a distância entre sua casa e a escola era bem maior. Ele precisava pegar ônibus. Disso ele gostava.

As melhores conquistas aconteciam nas aulas de educação física. Caíque era bom nos esportes. Gostava do professor.

Entrar para o time de futebol foi o bilhete da amizade. Em menos de um mês, Caíque já tinha muitos colegas. Só que, para se aproximar de Jéssica, não adiantava ser um craque. Ela se sentava na primeira fila. Caíque era da turma do fundo. Ela tinha cadernos encapados e uma letra delicada. Lia livros grossos retirados da biblioteca. Caíque só gostava de gibi.

O encontro se deu na biblioteca.

Jéssica entrou e Caíque a seguiu.

Ela devolveu um livro, e Dora, a bibliotecária, lhe sugeriu outro. Jéssica sentou-se à mesa ao lado da estante. Caíque pegou um gibi na prateleira externa. Lançou um olhar rápido para a cadeira vazia ao lado de Jéssica. Foi até o balcão.

– Você não precisa registrar as revistas em quadrinhos se vai ler só aqui na biblioteca – disse Dora.

Caíque fez que sim com a cabeça e se virou rapidamente para sentar-se ao lado de Jéssica. Mas a mochila dela estava no meio do caminho. Ou melhor, sobre a cadeira ao lado. Para piorar a situação, Juninha, a melhor amiga de Jéssica, já tinha se sentado na cadeira da frente e colocado sua própria mochila na outra. Resumindo: não havia onde sentar.

Talvez o Júnior, o capitão do time, tivesse se aproximado e cumprimentado as meninas no seu lugar. Ele teria pedido que lhe cedessem uma cadeira e amontoassem as duas mochilas numa só. Mas não Caíque. Ser o craque no futebol não o tornava mais corajoso quando o assunto era Jéssica.

Caíque, ao longo das aulas, reparou que ela vivia escrevendo. Curioso, virou detetive. Ficou à espreita

de uma página aberta. De um comentário da professora diante de um texto entregue por Jéssica. Até que ele desvendou o mistério. Foi durante o Festival da Primavera. Jéssica ganhou o prêmio de melhor poeta da escola. E o menino entendeu que, para conquistá-la, ele também precisava rimar. Mas como? Os poemas de Jéssica ficaram expostos em cartazes no corredor. Eram tão delicados e lindos quanto a própria autora. Caíque gostava de chutar bola. Ler gibi. Comer pão com manteiga derretida. E por mais que tentasse, por mais que ele ficasse olhando as estrelas nas noites claras ou as flores nos dias ensolarados, as rimas não vinham à sua cabeça.

– Caíque, venha cá...

Dora, a bibliotecária, tinha um olhar profundo e bem-humorado ao mesmo tempo. Caíque se sentia acolhido por ela, pelos livros, pelos gibis, pelas cadeiras, as mesas e as poltronas. Quando tinha saudades dos antigos amigos, da casinha térrea de sua cidade natal, quando ele se cansava de se esforçar para conseguir se encaixar na nova escola, na biblioteca ele se sentia confortável. Era muito bom não ter de falar. Poder abrir um gibi conhecido e reler pela décima vez. As páginas marcadas por outros leitores, todos os indícios, como uma pontinha dobrada ou uma sujeirinha na capa, lhe davam a sensação boa de pertencer a uma mesma turma. Saber o final da história também ajudava a lhe emprestar um pouco mais de segurança e controle.

– Caíque, outro dia você me contou que quer aprender a rimar. Mas será que todo poema precisa de rima? Você já pensou nisso? Olha só o que separei para você – disse Dora.

– Um livro de poemas, professora? Mas aqui na biblioteca eu só gosto de ler gibi.

– Você me faz um favor hoje, Caíque? Você lê só a página marcada. Depois me devolve o livro, tudo bem assim?

E Caíque leu:

Um bom poema

Leva anos.

Cinco jogando bola,

Mais cinco estudando sânscrito,

Seis carregando pedra,

Nove namorando a vizinha,

Sete levando porrada,

Quatro andando sozinho,

Três mudando de cidade,

Dez trocando de assunto,

Uma eternidade, eu e você,

Caminhando junto.

Paulo Leminski

Sem rimas, sem flores, sem estrelas.

Caíque encontrou o seu poema.

E isso faria toda a diferença...

IUAN

edelbra

edelbra

Ivan organizou sua prancheta e deixou seu material pronto para ser usado no dia seguinte. A tarde ensolarada o deixava estranho. Ele sentia falta da noite escura, da chuva e do frio. Do contraste do aconchego caloroso de sua casa com o mundo molhado e gelado do lado de fora. Ivan apreciava seu quarto, quando garoto: ler e desenhar, ficar calado imaginando coisas e ouvindo a música que sempre tocava pela casa. Sua mãe, Irina, era apaixonada pelos compositores clássicos, e raramente o espaço interno da casa ficava em silêncio. Estar em casa era ouvir boa música. Quando menino, sua mãe sempre o agasalhava antes que ele saísse de casa para enfrentar uma tarde de inverno. “Hoje em dia, não existem mais estações”, ele pensou.

Despediu-se de sua equipe, que ainda se demorava tomando os últimos cafezinhos, vestindo casacos e echarpes. Fechou a porta atrás de si e caminhou até o carro estacionado. Custou um pouco a dar partida. As saudades de sua mãe ainda o paralisavam, embora ela já tivesse falecido há seis meses.

O celular tocou.

A música mecânica interrompendo o fluxo de lembranças. Cortando um pouco da falta intensa que sentira de súbito.

– Seu Ivan, o senhor vai passar aqui na casa hoje, não vai?

A voz pertencia a Francisco, o corretor de imóveis responsável pela venda da casa de Irina Yurievna, sua falecida mãe.

– Estou sem tempo. Pode ser outro dia, Francisco?

– É que eu queria lhe contar uma coisa engraçada...

– É piada? Que ótimo humor, Francisco, no meio desse frio todo...

– Não é piada, não é invenção, eu juro que é tudo verdade...

– Estou começando a ficar curioso, Francisco. Mas hoje, realmente, quero jantar cedo. Você não poderia ao menos adiantar do que se trata?

– Sabe quando a gente fala que existem os amigos da casa?

– Sei, lógico. Sua conversa está esquisita. O que tem isso?

– Então, seu Ivan, quando a gente fala dos amigos da casa, quer dizer o povo que vem visitar sem avisar. Como se fosse parente, certo?

– Ainda não entendi a relação disso com o que você quer me contar. Apareceu algum comprador?

– Não.

– Diga o que é, seu Francisco, estou tão cansado hoje.

– Quer dizer, vieram algumas pessoas olhar a casa e lhes dei meu cartão como sempre. Mas apareceu alguém diferente.

– Se não é comprador, por que o senhor está me dizendo isso?

– Porque eu quero lhe pedir um favor...

– Não sei se estou gostando do seu jeito, seu Francisco, explique logo, por favor. Estou aqui, no frio, preciso dar partida no carro e enfrentar o trânsito de final de tarde...

– É que a casa de sua mãe tem um amigo agora. Não é um amigo seu ou dela, ou meu. É um amigo da casa mesmo. Não foi o senhor quem projetou a planta? Então, talvez o senhor goste de conhecer o menino.

– Menino?

– Isso mesmo. Ele entra e olha para todo o lado, depois pede para ler livros que ficaram nas prateleiras. Os livros que pertenciam à sua mãe...

– E você faz o quê?

– A primeira vez que ele veio, eu não deixei. Mas depois, quando ele voltou, eu fiquei com medo...

– Medo do menino?

– Medo de sua mãe...

– Minha mãe já faleceu...

– Mas é que ela gostava muito de criança. E também gostava muito dos livros dela. Eu sei de tudo isso, porque foi o senhor quem me contou. Então, pensei que, se eu fosse proibir o menino de ler os livros que ficam parados, empoeirados, abandonados, talvez sua mãe não gostasse.

– Quer dizer que tem um menino que vem visitar a casa de minha mãe como se fosse uma biblioteca?

– Isso mesmo.

– E você ao menos perguntou o nome do menino?

– Sim. Ele se chama Caíque, seu Ivan. Eu achei melhor que o senhor soubesse que a casa agora tem um amigo...

edelbra



CAIQUE E
AS CHARADAS



edelbra

O que acontece quando alguém, por alguma razão incompreensível, evita a rua mais conhecida e decide passar por um lugar novo, jamais por ele percorrido?

No dia em que Caíque fez amizade com a casa de dona Irina, ele se sentia feliz. Era um desses raros dias na vida de uma criança em que tudo dá absolutamente certo. Sem tombos, sem erros. Na hora do recreio, ele chutou no gol. Na prova, nota alta. Sorriso de professora, abraços de amigos na hora da vitória no jogo e, para completar, um presente de Jéssica. Era aula de artes. Caíque espiou por sobre o ombro da amiga. O desenho dela era espetacular. Ou, ao menos, era assim que pensava Caíque. Subitamente, ela olhou para o amigo e lhe deu a página colorida.

– É para você. De presente.

Um gesto desses faz qualquer garoto sair correndo de alegria. Caíque pegou o desenho com cuidado, abriu o caderno e guardou no meio das páginas. Sem saber o que dizer, sorria muito enquanto colocava o caderno na mochila. Assim que fechou o zíper, ainda sem encontrar palavras, Caíque ouviu o sinal tocando e voou para fora da classe. Atravessou o pátio chutando o ar de pura felicidade. Ao ver-se na rua de sempre, resolveu percorrer duas quadras a mais. Depois mais duas. A força da alegria o fazia andar cada vez mais adiante. Avistou uma árvore esplêndida, a copa coberta de flores roxas. Correu em direção à cor.

A casa tinha o portão aberto, a porta de entrada também. Sem reparar na placa que dizia VENDE-SE, Caíque simplesmente atravessou pelo portão. Era como se a árvore o chamasse. A sombra da copa lilás, as raízes acolhedoras...

O menino se deteve diante da árvore. Era como se os movimentos dos galhos o cumprimentassem. Depois seus olhos foram atraídos pela casa em si. Janelas de vidro imensas. Tijolinhos brancos à vista nas paredes internas e externas. Sem móveis, sem tapetes. Uma casa vazia. Caíque já tinha ouvido falar de muitas casas mal-assombradas, casas que capturam crianças como a casinha de chocolate de seu conto de fadas preferido, *João e Maria*. Mas, se aquela casa fosse encantada, ele queria ser capturado. A luz refletia nas paredes brancas de um jeito acolhedor. Os tijolos imprimiam formas imperfeitas, diferentes da brancura das paredes do banheiro da escola ou dos corredores vazios. Aquela casa era um lar. Nem todos os lugares são amigos das crianças, mas ali Caíque teve a impressão de ser bem-vindo. Impressão que quase foi quebrada quando uma mão pousou em seu ombro e uma voz veio do alto dizendo:

– Menino, você quer comprar esta casa, por acaso?

– Desculpe, eu não sabia que era proibido entrar.

– Tudo bem. Esta casa dá vontade de ficar. Eu não acho que ela ficará a venda por muito tempo. Se eu tivesse dinheiro, comprava para mim. Mas sou apenas um vendedor de casas, um corretor imobiliário. Meu nome é Francisco. Como você se chama?

– Caíque...

– Quer entrar um pouco?

– Quero.

edelbra

Bom de bola. Caíque, 13, quer aprender a rimar. Interessado em impressionar Jéssica, a pequena poeta por quem está apaixonado, ele olha as estrelas, observa as flores e... nada. Por mais que tente, as rimas não vêm. Até o dia em que encontra um poema de Leminski: sem rimas, sem flores, sem estrelas. Caíque entende a liberdade de inventar.

Ângelo, 78, é sambista nas horas vagas. Na praça onde passa as tardes, faz amizade com Irina, poeta russa radicada no Brasil, que lhe oferece a poesia de Maiakovski como retribuição pelos belos versos de Cartola que Ângelo canta.

Francisco, 46, é corretor imobiliário. Impressionado pela curiosidade sensível de Caíque, permite que ele visite a biblioteca da casa que está à venda. Os livros pertencem a Irina, mãe de Ivan, 37, arquiteto e *designer*, e melhor amiga de Ângelo, o sambista da praça na esquina da casa.

Poemas norteiam caminhos e transformam vidas.

Siga os passos de Caíque e acompanhe o mapeamento poético dessas amizades inusitadas.

edelbra

ISBN: 978-65-5750-022-4



9 786557 500224